

A ESCUTA NO CAMINHO DO SÍNODO DA AMAZÔNIA

Pe. Dário Bossi, MCCJ*

Resumo:

Por que o processo de escuta realizado ao longo de muitos meses para o Sínodo da Amazônia pode ser um novo caminho para a Igreja e a Ecologia Integral? A partir das palavras dos povos e comunidades escutadas, emerge o rosto de uma Igreja participativa, sinodal, corajosa e inspirada pelo Espírito Santo. Não faltam resistências culturais e estruturais. Mas o protagonismo dos povos indígenas, das comunidades tradicionais e das mulheres está posto.

Palavras chave: Escuta, indígenas, mulheres, conversão, sinodalidade.

Março de 2018. Na solenidade dos ambientes vaticanos, estão reunidos em volta de uma mesa cardeais, teólogos e algumas pessoas da América Latina. Tem duas mulheres (novidade relevante, que começa a abrir brechas nos caminhos sinodais). Com elas, vindo também da Panamazônia, três bispos e quatro padres (um deles indígena, outro sinal de tempos novos).

* Missionário Comboniano, por dez anos empenhado na defesa dos direitos sócio-ambientais das comunidades atingidas pela mineração e siderurgia na Amazônia Oriental (Pará e Maranhão), é assessor da Rede Eclesial Panamazônica (REPAM) e faz parte da coordenação da rede ecumênica latino-americana Igrejas y Minería.

É o primeiro encontro da Comissão Pré-Sinodal

Pouco antes que o debate comece, entra Papa Francisco, com sua maleta na mão. Cumprimenta gentilmente, senta e acompanha a discussão. Assim, por três dias seguidos. Sem dizer uma palavra.

No fim do terceiro dia, os cardeais o provocam: “Santidade, não vai dizer nada mesmo?”

Francisco, com simplicidade, responde: “Fiquei só escutando, e aprendi muito com vocês. Obrigado. Assim quero que seja o Sínodo”.

Escutar é o primeiro mandamento. “Um doutor da Lei estava aí, e ouviu a discussão. Vendo que Jesus tinha respondido bem, aproximou-se dele e perguntou: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» Jesus respondeu: «O primeiro mandamento é este: Escuta, ó Israel! »” (Mc 12,28-29).

Para Jesus, consequência direta da escuta é o amor. Francisco insiste nisso, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: “Precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir... É a capacidade do coração que

torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual” (EG 171).

O movimento de Deus e o caminho do povo têm sempre sua fonte na escuta. Javé ouve o clamor do povo escravizado, conhece seus sofrimentos. Por isso, desce, para libertar e para fazer subir o povo até a terra prometida (Ex 3).

Da mesma forma, Moisés recomenda ao povo que escute a memória da história da libertação, aprenda as regras de vida que foram deduzidas desta caminhada, e as coloque em prática (Dt 5).

A escuta é o primeiro passo para a encarnação: Maria engravidou pela palavra escutada.

A escuta se faz carne

“Para nós mulheres Guató, a natureza, a mãe terra é muito importante e temos que lutar e cuidar dela como se cuida de um filho. Por isso somos as guardiãs das florestas, dos rios e de tudo o que neles existe. Lutamos contra o desmatamento, a pesca predatória e a poluição dos nossos rios e

seus afluentes. Se cuidarmos bem deles, sobreviveremos por muitos anos. E ainda, da natureza podemos tirar tudo que precisamos para sobreviver e sem destruir”. (Sandra Guató, pajé devota de Nossa Senhora Aparecida)

“Queremos desenvolver em nós mesmas o amor e o respeito que os povos têm pela natureza, e pela nossa casa comum. Como mulheres consagradas, autóctones desta imensa Amazônia, de um carisma que resgata vidas, somos desafiadas a ser presença compassiva e reconciliadora, vivendo em comunhão com os pobres, os marginalizados, os indígenas e ribeirinhos, na conscientização dos direitos e deveres da pessoa humana e de todos que vivem nas periferias”. (Escuta Sinodal da Vida Religiosa Consagrada)

“Haja possibilidade de celebrar a Eucaristia, a ceia de gratidão pela presença de Jesus ressuscitado em nossas vidas, com frequência, porque há pessoas, homens e mulheres da comunidade,

com ordem oficial de celebrar”. (Síntese do processo de escuta da Prelazia do Xingu)

Ao longo de sete meses, de junho 2018 até janeiro do ano seguinte, foram realizadas na Panamazônia 57 assembleias, 13 fóruns nacionais, 17 fóruns temáticos, 179 rodas de conversa. Calcula-se que o processo sinodal conseguiu dialogar diretamente, nas bases, com cerca de 87 mil pessoas. O princípio sinodal do “caminhar juntos”, assim, começa a passar da teoria à prática.

É um processo longo, que Papa Francisco assumiu com vigor, a partir do Sínodo sobre a família (a iniciativa de escutar o povo de Deus sobre este tema surpreendeu muitas pessoas) e, em seguida, no Sínodo sobre os jovens.

Em setembro de 2018, já em vista do Sínodo da Amazônia, Papa Francisco publicou a constituição apostólica *Episcopalis Communio*. Retocou as regras para as assembleias dos bispos. Os Sínodos serão o resultado de uma consulta ampliada aos fiéis nas dioceses; a Secretaria geral será envolvida e também estará presente na fase

de aplicação concreta, após as discussões¹.

Qual é a expectativa de Papa Francisco, ao querer ampliar a consulta do povo de Deus?

Suas mais incisivas cartas apostólicas, *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si'*, apontam para a necessidade de duas conversões: pastoral e ecológica. Dom Roque Paloschi, arcebispo de Porto Velho e presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), considera que “as duas conversões têm somente um foco: a partilha equitativa da vida entre tudo que foi criado e que é dom de Deus”².

Converter-se é escolher uma nova direção, ter um novo horizonte e fazer referencia a novos princípios fundantes.

A escuta também precisa ser direcionada, orientada por uma opção fundamental. Se damos igual peso e atenção a todas as vozes e discursos, dificilmente

sairemos do exercício de mediação e equilíbrio que, em muitos casos, matou a profecia da Igreja.

Por isso, Francisco insiste que os primeiros que precisamos escutar são os pobres. É o clamor deles que deve orientar, passo a passo, nosso caminho. Eles “têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles” (EG 198).

A CNBB assumiu novamente esta perspectiva, de modo explícito, ao destacar em suas Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora 2019-2023 “a luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude”. Em sua mensagem ao povo brasileiro desde Aparecida, os bispos ensinam que os caminhos do Reino de Deus avançam em três dimensões essenciais: em busca do bem comum, com participação popular e com o protagonismo dos pobres³.

¹ Muda o Sínodo dos bispos. Mais espaço para escutar os fiéis. *Ihu.unisinos*, <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582890-muda-o-sinodo-dos-bispos-mais-espaco-para-escutar-os-fieis> (acesso em 02 de jun. de 2019).

² Paloschi, Roque. “O Sínodo da Amazônia: grito à consciência, memória da missão, opção pela vida”, In Vida Pastoral 60, 327. São Paulo: Paulinas, 2019.

³ Mensagem da CNBB ao povo brasileiro, Aparecida-SP, 7 de maio de 2019. *Cnbb*, <http://www.cnbb.org.br/episcopado-brasileiro-em-sua-57a-assembleia-geral-emite-mensagem-da-cnbb-ao-povo-brasileiro> (acesso em 02 de jun. de 2019).

Traduzindo esta opção fundamental no contexto do Sínodo amazônico, enxergamos dois grupos prioritários que merecem nossa escuta:

a) Os povos indígenas

O Papa quer que sejam sujeito prioritário do Sínodo. De um lado, porque “nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como o estão agora. A Amazônia é uma terra disputada em várias frentes (...)”⁴; do outro lado, porque eles guardam os segredos de uma sabedoria que pode ser a fonte da conversão ecológica de nossa cultura. “Para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida” (LS 146).

Por isso, Francisco diz a eles: “vós (...) sois um grito lançado à

⁴ Francisco, “Discurso do papa Francisco no Encontro com os Povos da Amazônia”. *Vatican.va*, 19 jan. 2018, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html (Acesso em 02 de jun. de 2019).

consciência de um estilo de vida que não consegue medir os custos do mesmo. Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum”⁵.

Escutá-los significa reconhecer seu protagonismo e direito à autodeterminação: “é bom que agora sejais vós próprios a auto-definir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos vos escutar”⁶.

b) As mulheres

As escutas sinodais insistiram de forma martelante sobre novos espaços a serem garantidos a elas: “Em nosso solo sagrado do Xingu, de todas as comunidades eclesiais existentes, mais de 80% são coordenadas, acompanhadas e catequizadas pelas mulheres, que há muito tempo são as que têm transmitido a fé, onde muitos sacerdotes não puderam chegar”; “Precisa abrir mais espaços nos conselhos, fomentar a participação e tomada de decisão, quebrando a mentalidade patriarcal e incentivando o diaconato feminino”; “Jesus valorizou as mulheres; elas foram criadas da mesma forma que os homens; com todo o potencial que eles têm, a for-

⁵ Ibid.

⁶ Ibid.

ça, a perseverança e a qualidade do trabalho, as mulheres podem gerar um novo mundo. Suas capacidades e habilidades e toda posição de liderança sejam percebidas e respeitadas por todos”.

Também o Papa exorta a Igreja para dar passos nesta direção: “É preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. (...) Deve ser garantida a presença das mulheres (...) nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais” (EG 103)

A escuta reposiciona a Igreja

Acompanhei direta e indiretamente o caminho sinodal em diversos territórios da Amazônia brasileira. Percebi que o movimento de escuta provocou as igrejas locais, e a Igreja em si, como instituição, a um reposicionamento. Já de por si demonstrou ser um novo caminho, um novo jeito de sermos Igreja, como ainda animadamente cantamos.

Vejamos em que dimensões:

- *Uma Igreja que reconhece seus erros, muda de posição e se converte*

Todas as vezes que escutávamos povos indígenas, sobretudo grupos que há tempo não se aproximavam à Igreja, vinha quase espontâneo dedicar um bom tempo inicial para pedir perdão, como Igreja, pelo sofrimento que ao longo dos anos de evangelização podemos ter provocado, por atitudes fundamentalistas, centralizadoras, impositivas. Creio que isso, apesar de não ser a única face de nosso serviço e encontro histórico com estes povos, nos faz muito bem, porque nos redimensiona e, assim, propicia o diálogo. É fato que, depois do longo processo de escuta, houve reaproximações significativas por parte de grupos ou organizações indígenas antes céticas e suspeitosas, com respeito à Igreja Católica. Poderíamos dizer que está havendo uma conversão recíproca.

- *Uma Igreja que aprende*

Noventa por cento dos bispos da Panamazônia participaram do processo de escuta sinodal. Muitos deles, com a mesma atitude de Papa Francisco descrita no começo deste artigo. É bem importante, para as comunidades, sentir a proximidade de seus pastores. *Evangelii Gaudium* (n. 31) descreve assim o movimento

de um bispo: “Às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas”.

A constituição apostólica *Episcopalis Communio* (n. 5) reforça: “O Bispo é, simultaneamente, mestre e discípulo. É mestre quando, dotado duma assistência especial do Espírito Santo, anuncia aos fiéis a Palavra de verdade em nome de Cristo cabeça e pastor. Mas é também discípulo, quando ele, sabendo que o Espírito é concedido a cada batizado, se coloca à escuta da voz de Cristo que fala através de todo o Povo de Deus, tornando-o «infalível *in credendo*»”.

- *Uma Igreja que sai da autoconservação*

Escutar é abrir-se ao novo e, com isso, dispor-se à mudança. Quem busca autoconfirmações, escuta só a si mesmo. O Sínodo dos bispos, explica Papa Francis-

co, “é chamado, como qualquer outra instituição eclesial, a se tornar cada vez mais um canal adequado para a evangelização do mundo atual, mais que para a autopreservação” (EC1).

- *Uma Igreja que acredita no diálogo*

“A evangelização de um povo não consiste em incorporá-lo à Igreja, mas em levar a Igreja a se encarnar em sua vida. Com isso, a Igreja que nasce é sempre culturalmente nova e, por ser católica, isto é, por encarnar a universalidade na particularidade, é sempre pluricultural. Entre «incorporar» as pessoas à Igreja e «encarnar» a Igreja nas culturas, há uma diferença de paradigma, com implicações pastorais concretas”⁷.

- *Uma Igreja que se reorganiza*

Uma vez que consolida o processo de escuta e reafirma a importância da palavra e da contribuição das comunidades, a Igreja não pode mais recuar. Precisa estruturar o processo de escuta e, de certa forma, institucionali-

⁷ Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral, Subsídio a caminho do Sínodo Panamazônico. São Paulo: CESEEP, Maio 2019.

zá-lo, para que se torne habitual e permanente. É o que Papa Francisco solicita, quando afirma que é “fundamental a contribuição dos organismos de participação da Igreja particular, especialmente o Conselho Presbiteral e o Conselho Pastoral, a partir dos quais verdadeiramente pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal” (EC 7)

- *Uma Igreja que se descentraliza*

Outra consequência das escutas tem a ver com a necessidade de devolução das mesmas: as comunidades têm direito de conhecer como e quanto foram utilizadas suas contribuições, no debate sinodal. Ao mesmo tempo, precisam receber as sugestões e propostas que vieram de outras comunidades, distantes, mas envolvidas no mesmo processo de discernimento participativo. *Episcopalis Communio* destaca claramente isso, indicando que, depois da celebração do Sínodo, deve prosseguir “a fase de sua aplicação concreta”, com o objetivo de colocar em andamento, “em todas as Igrejas particulares, a recepção das conclusões sinodais”, aprovadas pelo Papa. Porque “as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral re-

quer ser inculturado, caso pretenda ser observado e aplicado”.

O pós-Sínodo, portanto, é provavelmente a etapa com maior potencial transformador para as igrejas locais. Ao mesmo tempo, é um *kairós* para a Igreja universal, porque pode consolidar o rosto de uma Igreja pluricultural: “Como a Igreja é uma «Igreja de Igrejas» locais, a universalidade das particularidades leva, necessariamente, a um cristianismo pluricultural”⁸.

“Brotou e deu fruto, cem por um”

Na verdade, a fecundidade deste Sínodo é ainda uma perspectiva incerta. As propostas e caminhos evidenciados durante o processo de escuta podem encontrar diversos obstáculos, resistências culturais ou institucionais. As grandes expectativas geradas pelo contato capilar com a igreja de base e a sociedade civil podem ser frustradas, sobretudo se considerarmos exclusivamente o resultado do documento final: por quanto denso e respeitoso, nunca um texto poderá condensar a vitalidade e os sonhos que surgiram ao estimular os povos amazônicos com a escuta.

⁸ Ibid.

Na verdade, o Sínodo, convocado em outubro de 2017 e aberto oficialmente em janeiro de 2018, em Puerto Maldonado (Peru), é um longo processo, que continuará intensamente também depois de outubro de 2019, quando se reunirá no Vaticano a Assembleia dos bispos.

Usando a imagem amazônica da canoa, o bispo de Puerto Maldonado, Mons. David Aguirre, explicou em que consiste este processo: “quando alguém vai ao longo do rio e o rio não é muito fundo, ou quando alguém num rio grande encontra um banco de areia e a canoa se encalha, ele deve descer da canoa e iniciar a empurrar. Custa, tirar a canoa de sua inércia, porém uma vez que ela sai dessa inércia, já se sabe que não se pode parar, que seguirá sem parar”⁹.

Nossa grande responsabilidade, portanto, será superar a inércia. Retomar o processo de escuta também depois do Sínodo, na devolução dos resultados e no diálogo franco e contextualizado, em

cada território, sobre o que pode ser traduzido em prática, o que ainda está faltando e o que precisa ser insistentemente apresentado à Igreja como caminho de continuidade.

O fruto mais maduro de todo este processo poderá ser a sinodalidade da Igreja amazônica. Até agora, a Igreja institucional tem vivido a colegialidade como experiência mais significativa de colaboração e sinergia. Entende-se por colegialidade um “consenso doutrinal e vivencial entre os bispos - portanto, um consenso corporativo”. A sinodalidade é uma experiência muito mais participada e plural: é “o consenso de todos os batizados, que, em seu conjunto, configuram o povo de Deus”¹⁰.

O Sínodo da Amazônia é um passo a mais para consolidar este estilo de vida sinodal na Igreja inteira. Na coleção “Teologia do Papa Francisco”¹¹, Mario de França Miranda sintetiza a visão sinodal de Igreja de Bergoglio nos seguintes pontos:

⁹ Entrevista de p. Luís Miguel Modino a mons. David Martínez de Aguirre, bispo de Puerto Maldonado. *Religion digital*, https://www.religiondigital.org/america/David-Martinez-Aguirre-Sinodo-Amazonia-proceso_0_2123187677.html (acesso em 05 de jun. de 2019).

¹⁰ Paloschi, Roque. “O Sínodo da Amazônia: grito à consciência, memória da missão, opção pela vida”. In *Vida Pastoral* 60, 327. São Paulo: Paulinas, 2019.

¹¹ Miranda, Mario De França. *Igreja sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018.

- a prioridade de palavra é dada ao povo de Deus;
- toda pessoa cristã é capacitada pelo batismo;
- a consciência de cada pessoa merece respeito na Igreja;
- a autoridade se exerce como serviço à comunidade;
- é preciso respeitar as instâncias intermediárias na Igreja;
- a maior fidelidade é devida ao Espírito;
- os pobres são protagonistas da sinodalidade da Igreja, porque são um lugar teológico.

Abrem-se novos caminhos, na Amazônia. Precisa de coragem e ousadia, nos diz Papa Francisco, para o presente, na preparação do Sínodo, mas sobretudo para o futuro, no dia a dia da vida das comunidades, para dar vida e concretude às intuições que o Espírito está semeando na vida das igrejas.